

A Decadência do Esporte Escolar Lúdico e a Ascensão do Espetáculo Esportivo Dentro da Escola

Ricardo Lima dos Santos

Professor do Curso de Educação Física da Universidade de Fortaleza - UNIFOR; Especializado em métodos e técnicas de pesquisa - UNIFOR; educação física escolar; treinamento desportivo, fisiologia do esforço e força aplicada aos desportos - Gama Filho/RJ. Pós-graduando em educação especial: DM e DA./UFC.

RESUMO

Este ensaio se propõe a despertar o interesse para um assunto que geralmente passa despercebido para educadores, pais e educandos: Educação Física Escolar. Polêmica como a própria origem, a prática da Educação Física na Escola ao longo de sua história vem atravessando períodos marcados por uma desigualdade de valores explícitos mas habilmente manipula por uma visão capitalista, onde o esporte de alto nível (aliás deseducador) é reproduzido (falsamente) em estabelecimentos de ensino como atrativo com um apelo comercial, fazendo surgir a idéia do campeão, do melhor, como forma de demonstrar competência no mercado a qualquer preço em busca de consumidores acríticos menos informados, colocando em segundo plano o prazer e o lúdico do jogo, do movimento, da verdadeira competição, tão importante na formação da criança, uma liberdade se construindo.

ABSTRACT

This essay proposes to stimulate the interest for a subject that generally is unknown for educators, parents and students: physical education in schools. Polemic as the origin, the practice of physical education has been passing cycles marked for unequal values, but manipulated by a capitalist vision where the sports are reproduced by schools as an business attractive, students think they are champions and, certainly, they are going to be distressing without basic information. The schools put the pleasure, the activity and the imaginary aside.

INTRODUÇÃO

“A educação é uma realidade-processo pela qual a humanidade cria e aprende uma forma de ser e de viver melhor.

Assim, educação é toda prática de vida humana. Acontece em todos os momentos e por toda a vida de uma pessoa de um grupo e de uma sociedade” (Ceteb, 1993).

Se partirmos do princípio acima enunciado, a educação passa pelo ato educativo de educar e viver. De origem do Latim *educare*, em nossa língua significa segundo o dicionário português “promover a educação de (alguém), ou de si mesmo; instruir (-se)” (AURÉLIO, 1988). Quando falamos especificamente em Educação Física, estamos nos reportando talvez a uma das situações mais complexas de aprendizagem e ensino formal, uma vez que todos os domínios estão intimamente interligados de forma primordial a levar o educando a uma “educação integral” (OLIVEIRA, 1987). A responsabilidade do profissional desta área é impar. Quase sempre esta profissão é escolhida por ideologia própria. Nos últimos anos observamos uma ascensão deste profissional, uma valorização funcional e efetiva em seu campo de atuação, e, dentre estes campos está a **Escola**. Em nossa reflexão faremos alusão a este campo e mais precisamente ao seguimento **Esporte Escolar**.

Dentro desta praxe, atualmente, os princípios pedagógicos e educativos são ignorados em detrimento de resultados que possam garantir prestígio e popularidade para a escola - é importante para ela estar em evidência (e para o professor técnico?) - uma estratégia de “marketing” bem elaborada (maliciosamente assessorada), que transporta o espírito agonista e saudável da competição esportiva educativa, para a trilha do esquecimento de valores, como é o caso da tolerância e o respeito por exemplo.

Isto já vem se repetindo a algum tempo, mais precisamente desde os primeiros passos dados na direção da desmilitarização do ensino da educação física no final da década de 40, quando o desporto despontou internacionalmente, sendo assimilado pela rede escolar. O parâmetro utilizado nesta prática era a eficiência, eficácia e rendimento, estes, assimilados por nossa nação desde a abertura e incentivo para o capital estrangeiro no governo de Jucelino, incentivando principalmente a vinda de máquinas e equipamentos de segunda mão como o Norte Americano, que disseminou estas idéias pelo mundo e América Latina, surgindo daí o que

conhecemos hoje como “**Tecnologia Educacional**”, apoiada pelas idéias de TAYLOR, onde “o conceito de tarefa é talvez o elemento mais importante da administração científica” (CARMO, 1986; JÚNIOR 1992). O Taylorismo, assim chamado, é um modelo imposto que tem como finalidade controlar e dirigir rigidamente todas as ações do indivíduo trabalhador em nome dos parâmetros da eficiência e do rendimento.

Através de práticas esportivas estéreis, o **professor técnico** aos poucos perde sua missão precípua de educar através do esporte (lúdico?), não que este ato exija ou acarrete esta postura, mas que o contexto histórico vivido assim o lança num mercado de trabalho, onde o esporte de alto rendimento, aliás (des)educador, é reproduzido fielmente dentro do ambiente escolar, em seus **teatros-arenas** (ginásios), forçando uma situação atípica para o educando, centro de todo processo educacional numa visão moderna de educação. O espírito competitivo é inerente ao ser humano, e isso não poderia ser diferente, afinal o homem conseguiu seu status de Homo Sapiens graças ao seu determinismo aguerrido de sobrevivência aliado à sua inteligência marcante! No entanto, como ato educativo a competição esportiva dentro do ambiente escolar, deverá atender às necessidades básicas da criança e do jovem, auxiliando-lhe no exercício justo de sua cidadania e de seu desenvolvimento afetivo (BORGES, 1989). Antagonicamente, o ato de movimentar-se ou de realizar movimentos prazerosamente e de forma lúdica, passa a ter uma conotação de perfeição e exigência cada vez mais elaborado do ponto de vista técnico, biomecânico e tático, uma característica do esporte de alto nível. Desta maneira a competição é fomentada para um sentido de competir **contra**, quando deveria num ato educativo, ser o de competir **com**. Um agravante e exemplo para este fato é a iniciação esportiva precoce, onde a criança é submetida a treinamentos físicos e técnicos-táticos, com um grau de exigência exacerbado em níveis inaceitáveis para a condição de criança neste momento vivido por ela. Como conseqüência desta prática, temos os

pequenos praticantes expostos a traumatismos no aparelho locomotor passivo e ativo e ainda, uma forma determinante, a gerar uma pressão psicológica muito violenta acarretando problemas de comportamento e convívio social entre seus pares e muitas vezes na própria família (WERNECK, 1991). Do ponto de vista do desenvolvimento motor, se faz necessário que a criança até a escolaridade de quarta série aproximadamente, experimente a maior quantidade possível de movimentos, que o repertório motor tenha um leque de opções que favoreçam um desenvolvimento harmonioso e geral de todas as capacidades psicomotoras, e não limitar as ações a um punhado de movimentos técnicos e padronizados na busca de uma performance cultural desportiva de forma precoce e limitativa na esfera da espontaneidade e da liberdade de criação de movimentos a partir de esquemas de ações (FREIRE, 1992).

Vejo sim, hoje, uma escola voltada para a performance, buscando uma nova fórmula (esporte) de lucrar com a educação, em vez de compromissar-se com o ato educativo original, com a cultura de seu povo, com o seu saber, suas tradições e com a melhoria do mundo e da qualidade de vida do homem (FARINATTI, 1995). Não podemos encobrir as verdades dos fatos. Agindo assim estaremos a dar guarida a uma situação que não pode mais permanecer desta forma. Este mecanismo não deve encontrar ressonância nos profissionais empenhados e compromissados com a verdadeira Educação Física, ou então da maneira como está sendo conduzida pela **Escola** será uma atividade descartável e seu tempo de vida efêmero, uma vez que o projeto político atual contempla um modelo educacional de tendência reacionária, acreditando ser a escola unicamente como sendo uma instituição que deve zelar pela manutenção e somente isto, dá transmissão do saber sem se importar qual, desde que este e mantenha o status quo da sociedade e o benefício do aluno (BETIL, 1991; CARMO, 1985), e como sujeitos conscientes e políticos, não poderemos conjugar com esse pensamento.

Os comentários até aqui expostos podem parecer eloqüentes, mas, não

desesperados, e sim um sinal de alerta, uma palavra de ordem em vez do autoritário silvo de apito denotando poder e disciplina dentro de quatro linhas.

Atualmente observamos o aparecimento de uma nova classe em franca ascensão, dominadora de uma situação hegemônica e que detém o poder econômico e opressor (para o trabalhador da educação), o **INDUSTRIAL DA EDUCAÇÃO**, organizados em cartéis, estão amparados pela falência e sucateamento da Escola Pública e pela incompetência do Estado em gerenciar os assuntos educacionais que lhes são inerentes, fruto do projeto explícito da nova ordem econômica mundial, denominada **Neo-Liberalismo** tendo como expoentes os Estados Unidos e Comunidade Européia, de influência tão forte sobre o capital que conseguiu nocautear e pôr na lona os países da "cortina de ferro", resultando no esfacelamento da então poderosa e temida União Soviética, hoje, vivendo o caos na concepção da palavra. A Globalização continua avançando, desenfreada, assustando até os tigres asiáticos em seus próprios territórios, despencando bolsas. Não queremos aqui fazer oposição à iniciativa **privada**, queremos sim, que ela seja suficiente e devida às suas atribuições de educar, já que o Estado divide seu dever com ela. Que seus "dirigentes" sejam compromissários com suas obrigações. Que as autoridades "componentes" ao menos inspecionem o funcionamento destas empresas. Esperamos ainda que os "educadores físicos" que ainda fazem parte deste arcabouço facetado (e que não são poucos), saiam da consciência ingênua para a crítica, sinal de amadurecimento e elevação pessoal, num ato que sem dúvida requer força de vontade e compromisso político (SAVIANE, 1991). A competência técnica é qualidade fundamental para fomentar esta transformação assim como, a organização de classe, que de certa forma reclama uma tomada de posição e atitude política da prática pedagógica realizada pelo professor de educação física dentro da escola, quando comprometido com a ação orientada, o saber-fazer, (competência técnica) (CARMO, 1985).

O professor Apolônio Abadio do Carmo, coloca esta questão de forma simples e direta, ao afirmar que, porém **“cabe ao professor engajado na luta mais ampla, que excede o âmbito da escola e do sistema de ensino, escolher entre fazer de sua ação pedagógica um instrumento que apenas reproduz as violências educacionais (desigualdades, discriminação, preconceitos, etc), ou torná-la uma poderosa arma de negação desta caótica situação. Esta decisão dependerá de sua consciência política”** (CARMO, 1985). Devemos evitar a desarticulação de ações e de opiniões enobrecedoras com atitudes conservadoras mas, buscar mudanças, fazer uma releitura da realidade. Não desejamos iniciar uma guerra contra nenhum império, queremos vencer a batalha contra a hipocrisia que aí está; também não queremos lançar pacotes norteadores, queremos apenas educação de, para e com respeito a nossos filhos e educandos, futuros adultos que herdarão o legado que lhes oferecemos hoje, e aos profissionais de Educação e Educação Física por escolha própria, trabalhadores que precisam de mais estudo e aperfeiçoamento sobre sua área de atuação e que, após o domínio deste conhecimento (competência técnica) de uma forma dialética, venha a superar o saber-fazer, propondo o como deverá ser, norteador por uma consciência política do para que fazer (CARMO, 1985). Como escreveu o grande pensador Erich Fromm, “ a maior missão do homem é dar à luz a si mesmo, é torna-se aquilo que ele é potencialmente”.

Acredito que devemos sim, à luz deste ensinamento e em nosso bom senso, começar a trilhar um novo caminho que nos conduza a saber reverenciar a criança de hoje, uma liberdade se construindo,

esperança de um mundo mais humano, justo e feliz amanhã. Já seria um bom começo de jornada! A partir desta recaminhada, reconhecermos que o esporte dentro da Escola não deverá ser um espetáculo à parte, contemplando apenas os mais habilidosos de um modo preconceitual e intangível e sim, uma integração total de todos os alunos e dos valores humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BETII, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimentos, 1991.
- BORGES, Célio J. **Educação física para o pré-escolar**. Rio de Janeiro: Sprint, 1989.
- CARMO, Apolônio Abadio. **Educação física: Competência Técnica e Consciência Política em Busca de um Movimento Simétrico**. Uberlândia: UFU, 1985.
- CETEB. **Centro de ensino tecnológico de Brasília**. Brasília: Fubrae, 1993.
- FARINATTI, Paulo de T. V. **Criança e atividade física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1985.
- FERREIRA, Aurélio B. de O. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2ª Ed., 1988.
- FREIRE, João B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1992.
- JÚNIOR, Paulo G. **Educação física progressista**. Rio de Janeiro: Loyola, 1992.
- OLIVEIRA, Vítor M. de. **Educação física humanista**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1987.
- SAVIANE, Dermalval. **Pedagogia histórico-crítica**. São Paulo: Cortez, 1991.
- WERNECK, Jürgen. **Biologia do esporte**. São Paulo: Manole, 1991.